

Juristas, professores, políticos e bispos comentam a pesquisa

Da Reportagem Local e da Sucursal do Rio

➤ **Goffredo Silva Telles Jr.**, 71, jurista: "A grande maioria da população não poderia mesmo ter a menor idéia do que seja uma Assembleia Constituinte ou Constituição porque, na verdade, o que existe é um Congresso ao qual foi atribuída a tarefa de elaborar uma Constituição. Propositivamente, a eleição da Constituinte ficou confundida com a eleição dos deputados, dos senadores e dos governadores. Vai tudo continuar como está: os donos do poder continuarão donos do poder".

Miguel Reale, 76, jurista: "Não há nada de extraordinário nessa constatação. Se fizessem as mesmas perguntas em países mais desenvolvidos que o nosso, a resposta não seria diferente. Por mais que se queira participação popular, a elaboração de uma Constituição é uma tarefa técnica que cabe fundamentalmente à classe política em geral e aos juristas em particular. Está havendo muito exagero na colocação do problema constitucional, uma espécie de 'constitucionalite' que é artificial. O povo sabe onde lhe aperta o sapato, mas não lhe cabe fazer o sapato".

Fábio Konder Comparato, 50, jurista: "Os poderes constituídos tudo fizeram para que o povo não participasse do processo constituinte. De modo que devem estar muito satisfeitos em resolver o problema constituinte entre si, ou seja, no âmbito da classe política. De fato, o Congresso constituinte foi convocado apenas para legitimar, de modo ornamental, a chamada 'Nova República' e o povo sabe disso".

Raimundo Faoro, 61, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB): "O fato de a maioria não saber o que é o Congresso constituinte demonstra um desinteresse consciente, porque a forma de sua convocação demonstra que a Constituinte não diz respeito ao povo, é um ajuste de poder. Acho que há uma diferença perspicaz e uma Constituinte convocada com esses vícios leva à convicção de que ela fará reajustes de cúpula."

Paulo Sérgio Pinheiro, 43, cientista político: "Acho perfeitamente razoável o resultado da pesquisa Folha, porque a campanha de esclarecimento que deveria ter sido feita no ano passado foi um desastre. A eleição do ano passado ficou centrada no governador e não se discutiu Constituinte. É evidente que o despreparo dos constituintes faz com que a população tenha uma avaliação realista, sobre possíveis mudanças."

Hélio Jaguaribe, 63, cientista político: "O conceito de Congresso constituinte é abstrato e envolve a estrutura organizacional da sociedade no Estado. Esse conceito não é acessível às pessoas que têm educação muito elementar. Já as pessoas que não acreditam na nova Constituinte, não estão sabendo a relação entre ela e a vida corrente."

Cláudio Lembo, 50, secretário de Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo: "Não me impressiono com esse resultado, porque sequer os parlamentares sabem o que estão

fazendo. Acho ótimo que a população não acredite em mudanças. Mostra que o povo é consciente e sábio. É lamentável que as elites estejam transferindo uma falsa imagem da Constituinte, ou seja, que ela é o remédio para todos os males."

Alfredo Sirkis, 36, escritor, membro do Conselho Político Regional do Partido Verde no Rio: "Estes índices são antigos. São praticamente os mesmos verificados antes das eleições. Isto se deve, basicamente, ao fato das eleições para a escolha dos constituintes não terem ocorrido isoladamente. Além disto, há o agravante da Constituinte não ser exclusiva; mas um Congresso constituinte."

Mário Amato, 68, presidente da Fiesp: "Se vivemos muito tempo sob um regime fechado e boa parte da população, na faixa de 30 a 40 anos, não tomou conhecimento disso, é normal que haja esse desconhecimento sobre a Constituinte. Por outro lado, muita gente sabe que a Constituição não será uma panacéia que vá resolver todos os problemas brasileiros."

Roberto da Matta, 50, antropólogo: "Como a da maioria do povo brasileiro, minha opinião é a de uma pessoa estarecida. Afinal, a maior parte da população está sendo podada de participar do processo constituinte que, ao que tudo indica, será hierarquizado, com os deputados mais antigos tendo maior possibilidade de participação que os mais novos. Além disto, não há tradição de consultas entre os eleitores e os eleitos, que, a esta altura, já perderam contato com os que os elegeram. Temo que isto tudo gere uma Constituição rotinizada, um conjunto de leis que daqui a alguns anos tenha de ser modificado".

Carlos Estevam Martins, 53, sociólogo: "Esses dados já eram mais ou menos conhecidos. Infelizmente, é a triste realidade. Temos que constatar, mais uma vez, o grau de desinformação e alheamento da população a respeito do funcionamento do sistema político brasileiro. É preciso recordar que esse resultado começa anos atrás, nas escolas de primeiro e segundo graus, com a queda da qualidade do ensino."

D. Eugênio Salles, 64, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro: "Apesar da pesquisa, acredito que a nova Constituição vá melhorar a vida dos brasileiros. Quanto aos que não sabem o que é o Congresso constituinte, a culpa deve ser distribuída entre os vários setores da sociedade, inclusive os próprios que ignoram o que seja, porque não procuraram se esclarecer. Devemos pedir a Deus que ilumine os parlamentares."

D. Luciano Mendes de Almeida, 57, secretário-geral da CNBB: "É um primeiro dado que deve ser considerado na sua justa proporção e ter por efeito despertar ainda mais a responsabilidade dos meios de comunicação e dos trabalhos da Constituinte. Talvez este dado seja rapidamente substituído pela constatação do interesse que a Constituinte há de provocar, uma vez iniciados os trabalhos. Faço a sugestão de que se estude a possibilidade de introduzir a TV dentro da sala do Congresso."